

ACÇÕES DE MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO L2 POR IDOSOS NO CONTEXTO DA SAÚDE

Ana Cristina de Sousa Costa¹
Ana Rebeca Medeiros Nunes de Oliveira²
Andrea Maria Araújo Ferreira de Lima³
Antonio Daley Marques do Nascimento⁴
Marilene Calderaro Munguba⁵

RESUMO

O idoso em geral, sofre um processo de presbiacusia, perda fisiológica da audição, o que interfere de forma negativa na sua comunicação. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) pode ser uma alternativa viável para sanar esta dificuldade. A UFC / DELLES implantou, em 2018, o Grupo de Estudos EDESPI, que desenvolve o Programa de Extensão “Ensinando e aprendendo Libras: vivências da cultura surda por surdos e ouvintes em cenário da saúde, nas perspectivas bilíngue e interdisciplinar”. Este visa divulgar a cultura surda e o ensino da Libras nos espaços da saúde. Objetivou-se descrever ações de mediação da aprendizagem da Libras como L2 por idosos no contexto da saúde. Trata-se de investigação descritiva, pesquisa-ação com abordagem qualitativa, realizado no período de março a setembro de 2019, no Núcleo de Assistência Médica Integrada – NAMI, da UNIFOR, mediante parceria UFC / UNIFOR. Registrou-se as ações mediante observação-participante e diário de campo. Ações realizadas: aplicação de atividades que proporcionam vivências lúdicas na cultura surda como ferramenta de mediação do ensino e aprendizagem da Libras como L2 a oito idosos sendo 7 mulheres e 1 homem; oficinas de Libras para profissionais. As ações desenvolvidas no setor apontam para demanda de aplicar estratégias adequadas aos idosos, favorecendo o contato com nativos da Libras e focando no lúdico e no ensino da Libras como L2.

Palavras-chave: Ensino de Libras com L2, Idosos, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história onde se tinha uma visão da surdez ou da deficiência visão patológica, clínica de tentar consertar a anatomia do ouvido, segundo autores se tinham discurso que a falta de um dos sentidos provocaria alteração na integração entre os sentidos, provocando assim prejuízo no desenvolvimento psicológicos e de aprendizagem, disseminando a ideia de incapacidade de ouvir. Vindo assim um certo preconceito por parte da comunidade (PERLIN; STROBEL, 2009).

¹ Graduanda pela Universidade Federal do Ceará (UFC) - UF, cristina.estudante@hotmail.com;

² Psicóloga pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Pós-Graduanda em Neuroeducação pela UniChristus. Foi estagiária bolsista do Programa de Apoio Psicopedagógico da Universidade de Fortaleza, membro do Grupo de Estudo “Papeando (Con)texto, anarebecamn@hotmail.com;

³ Especialista em Gerontologia e Teraputa ocupacional andream_lima@hotmail.com;

⁴ Graduando pela Universidade Federal do Ceará (UFC) - UF, daley.porang@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutora em Ciências da Saúde, Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos – DELLES/UFC, marilenemunguba@delles.ufc.br

A visão socio antropológica da surdez é discutida por Skliar (1998) e que conceitua uma forma de ver os surdos fora dos padrões patológicos. Uma visão diferente, a sócio-antropológica aponta para uma mudança de visão sobre a surdez. Visão que se expressa num contexto de respeito à diferença, indo na contramão da concepção da deficiência proposta pelo paradigma clínico. O olhar para as diferenças parte do princípio de que ao nascer, o homem, é precedido pela linguagem e imerso em um mundo simbólico/cultural que fala dele, ou seja, diz quem ele é, os valores da comunidade a que pertence, situando-o (PERLIN; STROBEL, 2009).

Esta visão fundamenta o que apresentamos, tendo como desafio o acesso aos espaços de saúde que, em sua maioria, se embasam numa perspectiva clínico-terapêutica. E sabe-se que pela lei da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é legalmente obrigatório nos espaços públicos e principalmente na área da saúde, no entanto essa língua não é discutida nessa área. Todavia percebemos que esse espaço é um lugar que essa língua deveria ser fomentada por ser fundamental a comunicação entre surdos e ouvintes não confrontando uma barreira de comunicação (BRASIL, 2005).

Os espaços de reabilitação, principalmente os das terapias de fala, aparecem na história dos surdos com muita frequência e trazem recordações dolorosas, por ter olhado para o surdo numa visão patológica, de ver o surdo como sendo “incapaz de ouvir”, de aprender, de trabalhar, de ser independente, que o surdo tem sua cultura. Perlin e Strobel (2009) ressaltam que a língua que se aprende, a maneira que se alimenta, o jeito que senta, que anda, que brinca são culturais e é necessário que comece a se falar dessa língua na área da saúde. Com isso se faz cada vez mais necessárias iniciativas que se disponham a dialogar com as figuras que mais marcaram a vida desses sujeitos. Proporcionando outras reflexões a cerca com que é ser surdo e quão rico pode ser a experiência com a língua de sinais.

Diante do movimento cíclico da vida, o envelhecimento surge como algo natural para a humanidade, portanto é comum que as pessoas ao envelhecerem passem a sofrer modificações em suas estruturas, inclusive as que dizem respeito à funcionalidade neuronal, como os aspectos visuais e auditivos.

A presbiacusia, de acordo com Costa e Zimmer (2012), caracteriza-se como uma alteração auditiva que ocorre mediante o processo de envelhecer, podendo desenvolver-se desde a orelha média até as vias auditivas e córtex, sucedendo no decremento da sensibilidade auditiva, reduzindo a compreensão da fala.

Considerando o contexto apresentado, o presente estudo tem o objetivo descrever ações de mediação da aprendizagem da Libras como L2 por idosos no contexto da saúde.

METODOLOGIA

Com um corpo interdisciplinar de profissionais em formação e formados, o Grupo de Estudos e de Pesquisa intitulado Educação para as diferenças e os estudos surdos na perspectiva interdisciplinar – EDESPI, criado em 2018 pelo Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos - DELLES, da Universidade Federal do Ceará – UFC, implantou, estabelecendo parceria com a Universidade de Fortaleza - UNIFOR, o Programa de Extensão: “Ensinando e aprendendo Libras: vivências da cultura surda por surdos e ouvintes em cenário da saúde, nas perspectivas bilíngue e interdisciplinar”, cadastrado na Coordenadoria de Extensão da UFC sob o N. HLOO.PG.359.

Portanto, o presente estudo, vinculado ao programa de extensão, tem características de investigação descritiva, pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) com abordagem qualitativa (MINAYO, 2015), realizado no período de março a setembro de 2019, no Núcleo de Assistência Médica Integrada – NAMI, da UNIFOR.

O grupo de cinco extensionistas que atuam no recorte aqui apresentado, é composto por estudantes do curso Letras Libras da UFC e do curso de Psicologia da UNIFOR. As ações semanais são desenvolvidas no Serviço de Reabilitação Cognitiva, coordenado por uma terapeuta ocupacional. Este estudo tem o foco em dois grupos de adultos e idosos com Transtornos cognitivos, organizados com 4 a 5 pessoas cada, totalizando oito idosos, sendo sete mulheres e um homem.

A coleta de informações tem se dado mediante observação-participante (MINAYO, 2015), e registros nos diários de campo (THIOLLENT, 2011) dos estudantes. Procedeu-se a análise descritiva das informações (MINAYO, 2015).

Observou-se os preceitos éticos preconizados pela Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ressalta-se a aplicação de atividades que proporcionam vivências lúdicas na cultura surda como ferramenta de mediação do ensino e aprendizagem da Libras como L2; oficinas de Libras para profissionais. No grupo da terapeuta ocupacional realizamos atividades que trabalhem a memória, atenção, coordenação, e dentre outros.

Como as atividades do ensino de Libras já haviam sido feitas na instituição Universidade de Fortaleza - UNIFOR em anos anteriores os profissionais de algumas áreas já tinham boas lembranças das respectivas intervenções, o que trouxe vantagens para adesão e compreensão das pretensões que são trazidas ao núcleo. Ter uma boa relação com as pessoas que trabalham no espaço ajuda numa melhor vivência das atividades propostas.

O ensino de Libras como L2 sendo uma segunda língua para ouvintes, ocorre mediante o uso de estratégias específicas adotadas para o ensino de línguas estrangeiras, numa perspectiva das metodologias ativas, como afirma Veit (2016, p.40),

[...] é possível desenvolver o ensino de língua estrangeira com o emprego de metodologias ativas, pois o ensino de língua estrangeira pode ser potencializado e aprimorado com o uso das Metodologias Ativas, sendo que as mesmas proporcionam habilidades tais como maior autonomia, o exercício da criticidade e o envolvimento dos alunos nas atividades propostas.

Associada ao uso de Metodologias Ativas que de acordo com Anastasiou (2007) e Bordenave (2004), promovem a participação ativa do aprendente e deve ser consequência de um contrato social estabelecido entre o mediador e o aprendente. Temos como estratégia de sempre utilizar o visual e utilizar situações do dia a dia caso alguns deles se encontrem com um surdo na rua, no mercantil e eles consigam dizer um “oi” e saber poder haver uma comunicação simples entre surdos e ouvintes.

Assim, se utiliza a Pedagogia Visual, apontada por Campello (2007) e Buzar (2009) como determinantes para o aprimoramento da visualidade, determinante para a aprendizagem das línguas de sinais. Desse modo, o aprender da Libras requer uma maior implicação em relação ao desenvolvimento de habilidades linguísticas que utilizam a mão, expressões, corpo e espaço. Neste sentido Quadros (2019, p. 171) afirma que “O ensino de Libras como L2 terá de levar em conta essas especificidades relacionadas com a modalidade”.

O grupo de bolsistas planeja as atividades a serem aplicadas, contando com a experiência de alunos surdos, nativos dessa língua; essa participação tem sido determinante nas interações com os adultos e idosos, por se caracterizar como modelo/referência da cultura surda.

A chegada dos alunos e professores nos grupos de reabilitação provocou muita interação, onde os idosos e adultos atendidos ali aproveitaram para tirar dúvidas e para manifestar suas inquietudes quanto aos surdos e a língua de sinais. Esse tipo de vivência faz com que estudantes dos cursos de Letras Libras apliquem as reflexões feitas durante o curso como maneira de informar e garantir a desmistificação de mitos sobre a língua de sinais.

Costa e Zimmer (2012) consideram que dentre as possíveis perdas sensoriais devido ao envelhecimento, a presbiacusia promove um impacto atroz por prejudicar o processo comunicativo do sujeito, acarretando frustrações, limitações, e dificuldades nas relações interpessoais. Nesse contexto, as pessoas que frequentam a estimulação cognitiva são adultas ou com idades mais avançadas, exigindo assim que se proponha atividades adequadas para os perfis presentes, o que traz desafios estimulantes para os graduandos que tem formações direcionadas a educação básica e que, em geral, correspondem a idades iniciais e da adolescência.

A presença de adultos e idosos no NAMI é motivada por inúmeras questões físicas e cognitivas, isso requer estímulos e abordagens que motivem o exercício e a retomada de funções comprometidas pela idade ou por outros fatores. A Libras, com seu caráter gestual e visual, pode agregar muito nesse processo, afinal os métodos usados estão sempre associados aos sinais da língua e ao processo de aprendizagem e execução dos signos.

A definição de jogos, materiais didáticos e como serão usados é orientado por terapeutas ocupacionais do grupo, garantindo assim alinhamento com as propostas de acompanhamento adotadas nesse campo.

Como exemplos de atividades realizadas em nossos encontros descrevemos duas. “Telefone sem fio surdo”, que na cultura ouvinte se diz uma palavra ou frase e vai passando a informação até chegar no primeiro que começou a dinâmica. Na Libras tivemos que adaptar – uma pessoa iniciava com um sinal e teria que ir repassando, mas como a Libras é visual o difícil foi fazer com que os participantes olhassem para o teto ou para o lado e evitassem olhar para a pessoa que estava fazendo o sinal. E como alguns sinais eles conseguiram decorar ou aprender.

Outra atividade aplicada foi o jogo da memória com as imagens dos animais, onde se tem os pares. Inicialmente foi mostrado cada imagem e sinal em seguida foi virado e eles teriam que encontrar a imagem e o sinal do animal e eles conseguiram fixar e inclusive quando foi mostrado apenas a imagem eles conseguiram dizer o sinal. O mais difícil foi dizer o sinal de cavalo e coelho saber diferenciar, devido aos parâmetros fonológicos da Libras, em especial relativo aos parâmetros: Ponto de Articulação (local em que o sinal é realizado) e Movimento (movimento em que o sinal é realizado); no entanto, eles conseguiram compreender e executar os sinais de forma correta, após explicações e exemplos.

Enfatizamos que a língua de sinais é um artefato cultural e que, para compreender a pessoa surda, é necessário conhecer a sua cultura e, conseqüentemente a sua língua.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p.42-43).

Ressaltamos que o compromisso do programa se alicerça na sensibilização dos profissionais e usuários dos serviços do NAMI, refletindo sobre as novas visões frente as possibilidades linguísticas, sociais e cognitivas dos sujeitos surdos. O caminho não é tão simples pois o histórico de sofrimento de surdos dentro desses espaços médicos é muito marcante na luta da comunidade surda.

Para os bolsistas tem sido muito gratificante participar do programa de extensão e vivenciar constantemente ações interdisciplinares com o grupo de estudo e de pesquisa EDESPI, pois possibilita ao estudante autonomia quanto ao desenvolvimento de atividades, jogos, aplicação dos mesmo, o ensino de Libras para o público, segurança no que estamos fazendo, pois os profissionais nos dão dicas de como realizar as atividades. A relação com a professora orientadora e os estudantes nos deixa mais seguros. O contato com os surdos que também participam do grupo nos dá segurança na língua de poder estarmos mais em contato. E esse contato as trocas de experiências na chegada e no final do grupo nos ajuda a melhorar a nossa sinalização, como também as dicas deles de qual atividade planejar, se utiliza mais imagens ou só o sinal isso nos ajuda a realizar o trabalho com mais segurança e constantemente estamos em processo de aprendizagem.

Aliadas às intervenções dos grupos são realizadas oficinas para o corpo de profissionais do setor de Terapia Ocupacional, podendo assim atingir quem se interessa pela temática.

A língua de sinais tem se tornado alvo de uma visibilidade crescente, mas que não chega de forma efetiva em muitos espaços, como o espaço médico que, em muitos casos, resiste em defender uma visão de reabilitação. O que torna iniciativas como o EDESPI fundamentais para a propagação da cultura surda e da Libras, tanto por entrar em espaços diversificados, como por defender o protagonismo surdo. Os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda desenvolvem maior segurança, autoestima e identidade surda (STROBEL, 2008).

Para além da compreensão sobre as potencialidades surdas e a legitimidade da língua de sinais pretende-se construir a possibilidade do uso da língua de sinais como alternativa em caso de perdas auditivas ocasionadas pela idade e por outras ocorrências do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Divulgar a Libras, a cultura surda na área da saúde e desmistificar mitos, como antes se tinha uma visão do surdo como o ser incapaz, de que ele sabe ler, sabe escrever, que a Libras é uma língua do Brasil, e que cada país tem sua própria língua de sinais, esses são algumas perguntas que surgiram ao longo da nossa convivência nesse espaço. E está sendo encantador o interesse e adepto da língua tanto pelos participantes, como pelos profissionais e estagiários que participam das atividades desenvolvidas na instituição.

O estudo de Libras com a intervenção interdisciplinar com o grupo de Reabilitação Neurocognitiva, proporciona benefícios ao capacitar o paciente à obter inicialmente à atenção, através dos gestos com língua de sinais que exige uma maior concentração, seguida por técnicas de aprendizagem para a retenção de memória. Desse modo, entende-se a necessidade de desenvolver metodologias específicas que apresentem atividades em que os idosos possam vincular aos seus significados subjetivos, facilitando o processo do aprender.

A comunicação com os surdos, intensificou ainda mais os relacionamentos sociais, através da motivação pelos estudantes, facilitando à abordagem do estudo, com o incentivo cognitivo, além da inclusão social.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. *Processos de ensinagem na universidade*. 7. ed. Joinville: Univille, 2007.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. *Resolução N°466* - Conselho Nacional de Saúde, dezembro de 2012. Disponível em: <conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 04 set. 2019.

BRASIL. Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2019.

BUZAR, E. A. S. *A Singularidade visuo-espacial do sujeito surdo: implicações educacionais*. (Dissertação) – Mestrado em Educação. Faculdade de Educação da UnB. Brasília. 2009.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia visual: sinal na educação dos surdos. In: QUADROS, R. M. de.; PELIN, G. (orgs). *Estudos surdos II*. Petrópolis: Arara Azul. 2007. p. 100-131.

COSTA, A. L. P. A. da; ZIMMER, M. C. Desempenho de idosos com presbiacusia em tarefas de controle inibitório / Performance of elderly individuals with presbycusis in tasks involving inhibitory control. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, [s. l.], n. 2, p. 151, 2012. Disponível em:

<<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edssci&AN=edssci.S1516.803420120002000008&lang=pt-br&site=eds-live>>. Acesso em: 26 set. 2019.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

PERLIN, G.; STROBEL, K. *Teorias da educação e estudos surdos*. Florianópolis: UFSC, 2009.

QUADROS, R. M. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019.

SKLIAR, C. (org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. L. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 176. 2008.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VEIT, S. C. H. *Metodologias ativas para o ensino de língua estrangeira*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras – Inglês) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Ijuí – RS. 2016.